

COLEÇÃO
Ingluagem 11

Primeira edição
Rio de Janeiro, 1957

Segunda edição
Livros de Portugal,
Rio de Janeiro, 1970

Terceira edição
Presença/MEC
Rio de Janeiro, 1979

Quarta edição
Presença/INL
Rio de Janeiro, 1986

SERAFIM DA SILVA NETO

História da Língua Portuguesa

4ª edição

EM CONVENIO COM O
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
FUNDAÇÃO NACIONAL PRO-MEMÓRIA



PRESENÇA
RIO DE JANEIRO
1986

Capa
Heraldo B. Lisboa

Índice de palavras de
A. G. Cunha
Índice onomástico de
Raimundo Barbadinho Neto

FIGHA CATALOGRÁFICA

S586h
Silva Neto, Serafim, 1917-1960

História da língua portuguesa / Serafim da Silva
Neto. — Pretácio / Silvio Ella. — Apresentação / Celso
Cunha. — 4. ed. — Rio de Janeiro : Presença : [Brasília] :
INL, 1986.

(Coleção Linguagem, 11)

1. Filologia portuguesa. I. Instituto Nacional do Livro.
II. Série III. Título.

CDD — 469
CDU — 806.90

ISBN 85-252-0008-5
Foi feito o depósito legal

PRESENÇA EDIÇÕES
Rua do Catete, 204 - Grupo 302 - Tel.: 225-1947
22.220 Rio de Janeiro, RJ

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

À MEMÓRIA DE
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

INTRODUÇÃO

"L'histoire de toute langue est une succession d'accidents, mais d'accidents collectifs. La plupart en effet sont préparés par la structure même de la langue et contenus virtuellement en elle."

"Chaque état de langue sort ainsi naturellement de l'état de langue antérieur. Cela n'empêche pas chaque individu d'avoir dans l'évolution de la langue une certaine responsabilité. Mais l'accident individuel s'élimine de lui-même et disparaît sans laisser de traces avec celui qui l'a commis. Pour qu'un accident survive à son auteur, il doit être consenti, sanctionné par la communauté. Cela permet de comprendre le rôle de l'individu isolé."
(Vendryes, in *Les Sciences Sociales en France*, Paris, s/d (1937); pág. 115).

1 — EVOLUÇÃO E DESAGREGAÇÃO

As linguas são resultados de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente efetuando aqui e além. O acúmulo e a integral realização delas depende de condições sociológicas, pois, como é sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão das mudanças.

A qualquer momento em que se observe uma língua, cumpre ter em mente as suas fases anteriores. A história das linguas românicas, por exemplo, se entrosa com a do latim e a deste, através do itálico, vai acabar no indoeuropeu.

O latim falado no tempo de Ênio não é o mesmo dos contemporâneos de Cícero, nem o desse tempo é idêntico ao de São Jerônimo. O francês de Villon não é o de Anatóle France. O português de onde D. Dinis extraiu

as suas cantigas de amor e de amigo não é o de Camões, nem o deste é o mesmo de Hercliano. (1)

Nessa sucessão de fases há que distinguir, no entanto, entre *evolução e desagregação*. Naquela não há *descontinuidade*; nesta há uma *nítida cesura, a transição de um estilo social para outro*.

Para bem se compreender essa diferença, convém ajustar-lhe as noções de *época e estilo*, tão bem formuladas pelo sociólogo alemão Theodor Geiger. O *estilo social* é, precisamente, um *complexo de caracteres estruturais básicos*, que tornam possível a afinidade dos diversos setores da vida social (2). É a permanência dele que caracteriza uma *época*, isto é, uma *sequência evolutiva* na qual um *estilo* constitui o fundamento cultural (3).

Em caso contrário, ou seja, quando a mudança social (linguística) não se resume no *desenvolvimento de um estilo*, estamos em face da *desagregação*, da mudança de uma época para outra. É o caso, por exemplo, do latim, que se desagregou nas dez línguas românicas. A fase do romance representa uma cesura, uma *transição em que os estratos sociais e linguísticos foram desintegrados e, em seguida, reintegrados de maneira diferente*.

A história das línguas mostra, precisamente, sucessões de *unificação e diferenciação*. Como salienta Meillet:

"L'extension de l'indo-européen à une partie de l'Asie et à presque toute l'Europe fournit la base de la grammaire comparée des langues indo-européennes: une première différenciation a créé des parlers qui se sont à leur tour unifiés en groupes nouveaux: indo-iraniens, slave, germanique, hellénique, italtique, celtique, etc.; chacune des langues communes qui se sont constituées on ne sait comment s'est à son tour imposée à un domaine étendu, puis s'est différenciée à son tour. *Entre l'indo-*

(1) As diferenças de fase para fase são atenuadas pela língua escrita, que é bastante conservadora e se submete às tradições literárias. Mas, ainda assim, se ressaltarmos os períodos de decadência, quando se inicia seriamente uma fase anterior, a própria língua escrita oferece diferenças de fase para fase. É claro que nos estamos referindo ao *material linguístico*, e não à expressão literária, pois esta varia até de indivíduo para indivíduo.

(2) "ein Komplex von Grundzügen der Struktur, die auf allen Lebensgebieten innerhalb einer historisch bestimmten Gesellschaft wiederzufinden sind und damit eine strukturelle Verwandtschaft der einzelnen Sphären des gesellschaftlichen Lebens gewährleisten". (in *Handwörterbuch der Soziologie*, Stuttgart, 1931, pág. 512).

(3) "der Entwicklungsablauf, in welchem ein "Gehalt" oder Stil das im wesentlichen unerschütterte Fundament der Kultur bildet". (idem, *ibidem*).

européen et le français moderne, on entrevoit ainsi toute une série d'unifications et de différenciations successives: une unité italo-celtique, qui se brise et aboutit à la création d'une unité italtique et d'une unité celtique; une unité latine provenant d'une différenciation de l'unité italtique; une unité latine, brisée en parlers infiniment divers; de là est issu, entre autres langues, le français dont l'unification poursuit encore." (Linguistique historique et linguistique générale, 1 pág. 128).

As línguas estão, pois, em perpétua mudança, embora só o repouso seja facilmente perceptível. A evolução explica-se, principalmente, pela descontinuidade da transmissão e pela própria constância do uso.

Ao cabo de seu aprendizado, a criança fixa uma língua que não é exatamente a mesma das pessoas que lhe serviram de modelo. Essa diferença, imperceptível numa geração, vai-se acumulando aos poucos.

2 — CRIAÇÃO E DIFUSÃO

O fato mesmo de ser imprescindível instrumento de comunicação acarreta mudança à língua: as palavras mais freqüentemente usadas são também as que mais transformações sofrem. Grupos de palavras acabam por se aglutinar — e o desgaste vai provocando reações (4).

Por isso a todo instante surgem *inovações*, cujo destino vai depender da estrutura social, ou seja, no caso, da força com que a língua, como instituição, se impõe aos indivíduos.

A *inovação*, que parte do indivíduo, pode restringir-se a ele e, portanto, abortar — ou, pelo contrário, generalizar-se na comunidade.

Em todo fato linguístico, há que distinguir, pois, a *criação* e a *coletivização*. Dessarte a mudança depende da sucessão e da combinação da *iniciativa individual* com a *aceitação coletiva* (5).

E não se diga que o partir do indivíduo a inovação lhe confere os poderes sobrenaturais de um *deus ex machina*: somente subsistem os esforços individuais realizados no sentido das tendências linguísticas (6).

(4) Vj. Meillet, in *De la méthode dans les Sciences*, I, 1911, pág. 304.

(5) Vj. Schuchardt, *Brevier*, pág. 376.

(6) A expressão *tendência linguística* serve para designar o conjunto de fatores, ainda imprecisamente definidos que, numa certa área, numa certa época, orientam as mudanças em determinado sentido. É o que Sapir chama "deriva da língua" (drift): "The drift of a language is constituted by the unconscious selection on the part of its speakers of those

O autor anônimo da inovação apenas interpreta a direção geral da língua, há entre ele e a massa falante profunda e integral intercomunicação. Ele não age como pessoa, mas como órgão da coletividade: isso explica a unificação e generalização do fenômeno.

Em todo o caso, a difusão é fenômeno lento e complexo, sujeito a múltiplos e variadíssimos fatores, que a podem retardar ou apressar. Schuchardt lembrara, há bastantes anos, que a frequência de certos grupos fonéticos favorece a formação de grupos idênticos: em suma, a frequência de um processo fonético acaba por generalizá-lo:

"Ich habe vor langen Jahren den Gedanken geäußert, dass in Italienischen (und im Romanischen überhaupt) *ie*, *uo* = vulgärl. *e*, *o* ursprünglich, wie noch jetzt in manchen Dialekten, an ein folgendes *i* oder *u* gebunden war: *vieni*, *buonu*, *buoni*. Zunächst würde es durch begriffliche Analogie ausgedehnt worden sein: *vienne*, *buonu*, dann aber auch ohne eine solche: *pietra*, *vuota* und Formen wie *bene*, *boue* (Pl. *buoi*), *noue* (gegenüber *nuovo*) würden eben die letzten uneroberten Plätze bedeuten" (7).

Vem a propósito, ainda, trazer à colação o fecundo pensamento de Ferdinand de Saussure, que é dos mais sagazes linguistas modernos:

"Cette généralisation d'un fait particulier, qu'elles que soient ses limites, demande du temps et ce temps, on peut quelquefois le mesurer. Ainsi la transformation de *p* en *d*, que l'intercourse a répandue sur toute l'Alemagne continentale, s'est propagée d'abord dans le sud, entre 800 et 850, sauf en individual variations that are cumulative in some special direction. This direction may be inferred, in the main, from the past history of the language. In the long run any new feature of the drift becomes part and parcel of the common, accepted speech; but for a long time it may exist as a mere tendency in the speech of a few, perhaps of a despised few" (Language, págs. 165-6).

(7) *Über die Lautgesetze*, 1885, pág. 7, reproduzido no *Brevier*, 1928, pág. 57. Citado por Vossler, in *Positivismo e Idealismo nella scienza del linguaggio*, trad. It., Bari, 1908, págs. 162-163; e por Pisaní, in *Geolinguistica e Induropeo*, Roma, 1940, pág. 236.

Essa teoria, que ele já expusera antes (*Lit. Centralblatt*, 1871; pág. 1064; *Kuhn's Zeitschrift*, 20, 1872, pág. 285 e ss.; *Zeitschrift für romanische Philologie*, II, 1878, pág. 188), foi combatida por Goidanich, *L'origine e le forme della dittongazione romanza*, Halle, 1907, págs. 161-164.

francique, où *p* persiste sous la forme douce *t* et ne cède le pas à *d* que plus tard. Le changement de *t* en *z* (pron. *ts*) s'est produit dans des limites plus restreintes et a commencé à une époque antérieure aux premiers documents écrits; elle a dû partir des Alpes vers l'an 600 et s'étendre à la fois au nord et au sud, en Lombardie. Le *t* se lit encore dans une charte thuringienne du VIII^e siècle. A une époque plus récente, les *i* et les *u* germaniques sont devenus des diphtongues (...); parti de Bohême vers 1400, le phénomène a mis 300 ans pour arriver au Rhin et couvrir son aire actuelle" (8).

Logo em seguida conclui o fecundo pensador:

"Si un phonème *t* devient *ts* sur un point du territoire germanique, le nouveau son tend à rayonner autour de son point d'origine, et c'est par cette propagation spatiale qu'il entre en lutte avec le *t* primitif ou avec d'autres sons qui ont pu en sortir sur d'autres points. A l'endroit où elle prend naissance, une innovation de ce genre est un fait phonétique pur; mais ailleurs elle ne s'établit que géographiquement et par contagion. Ainsi le schéma *t > ts* n'est valable dans toute sa simplicité qu'au foyer d'innovation; appliqué à la propagation, il en donnerait une image inexacte.

Le phonéticien distinguera donc soigneusement les foyers d'innovation, où un phonème évolue uniquement sur l'axe du temps, et les aires de contagion qui, relevant à la fois du temps et de l'espace, ne sauraient intervenir dans la théorie de faits phonétiques purs. Au moment où un *ts*, venu du dehors, se substitue à *t*, il ne s'agit de la modification d'un prototype traditionnel, mais de l'imitation d'un parler voisin, sans égard à ce prototype; quand une forme herza "coeur", venue des Alpes, remplace en Thuringe un plus archaïque herza, il ne faut pas

(8) *Cours de Linguistique Générale*, 1916, págs. 289-290. Fidal comenta: "Los 300 años señalados por Saussure como caso notable de duración para la propagación de un cambio lingüístico son todavía poca cosa en muchos casos" (*Orígenes del Español*, 1929, pág. 583).

parler de changement phonétique, mais d'emprunt de phonème"
(idem, pág. 290) (9).

Por isso não se pode negar que, observados historicamente os fatos, se nota uma série de correspondências fonéticas "regulares" entre dois estados lingüísticos sucessivos. Tais correspondências explicam-se, principalmente, por esse progressivo movimento de difusão que se vai cumprindo lenta e inexoravelmente, mas é preciso também reconhecer, com Hermann Paul (10), que há uma certa harmonia no sistema fonético de cada língua: é e ela que, a nosso ver, explica que sejam os mesmos os desvios observados nas crianças da mesma geração, da mesma localidade e do mesmo círculo social.

3 — LIMITES LINGÜÍSTICOS

Tem sido possível observar, em determinadas regiões, uma unidade milenária. Tal fato se explica pelo respeito a demarcações muito antigas, que os novos senhores sistematicamente respeitaram. Mesmo a Igreja, quando balizou as dioceses as manteve, sinal seguro de que correspondiam a uma realidade geográfica e étnica.

Assim se formaram cadinhos lingüísticos e culturais que puderam manter grande unidade e grande espírito de conservação. Razões geográficas certamente contribuíram para o isolamento dessas regiões que se abismaram numa vida própria. É que certas fronteiras são, de algum modo, determinadas pela configuração do terreno.

Já em 1870, na célebre conferência acerca da classificação dos falares românicos (11), Schuchardt frisara que as velhas demarcações étnicas não se tinham desvanecido de todo no curso dos tempos, o que poderia explicar a

(9) O filólogo alemão E. Gamillscheg em seu artigo *Über Lautsubstitution* (in *Prinzipien der romanischen Sprachwissenschaft*, II, 1911, págs. 182-89) chega mesmo a sustentar que todas as alterações fonéticas provêm da substituição de um falar por outro — o que, como diz Meillet, "est assurément excessif." (*L'Année Sociologique*, XII, 1909-1912, pág. 855). Cf. ainda *Die romanischen Elemente in der deutschen Mundart von Lusern*, Halle, 1912, onde Gamillscheg desenvolve as idéias do artigo anterior.

(10) "Es besteht in allen Sprachen eine gewisse Harmonie des Lautsystems. Man sieht daraus, dass die Richtung, nach welcher ein Laut ablenkt, mitbedingung sein muss durch die Richtung der übrigen Laute." (*Prinzipien der Sprachgeschichte*, 5.ª ed., 1920, página 57).

(11) *Über die Klassifikation der romanischen Mundarten*, Graz.

persistência de certos limites dialetais. Mostrava, ainda, a importância das divisões eclesiásticas para a compreensão das fronteiras dos falares de nossos dias. Em 1891 o Padre Rousselot, no seu não menos famoso estudo sobre o *patois* de Cellefrouin, verificara que:

"Les transformations philologiques de cette époque ancienne présentent un caractère particulier; elles coïncident pour la plupart si exactement avec les limites des paroisses, qu'elles suffiraient presque toutes seules à déterminer les divers groupes qui s'étaient formés au sein de la population" (12).

O desenvolvimento dos estudos dialetológicos veio trazer confirmações, mas veio, sobretudo, mostrar como é complexo o problema, intimamente relacionado que está, com a estrutura da sociedade e a composição demográfica.

É dos mais curiosos, por exemplo, o caso do grupo lingüístico chamado franco-provençal, cuja área, como desde logo (1871) reconheceu Boehmer (13), coincide com a Burgúndia superior e a Burgúndia cisjurana, vale dizer, se superpõe ao antigo império dos Borguinhões. O notável romanista suíço Heinrich Morf, não aceitando a hipótese de Boehmer, foi mais longe, propondo que o franco-provençal ocupa o território dos antigos bispos de Lião e Viena, os quais, por sua vez, teriam herdado os limites das *civitates* romanas (14).

Embora investigadores modernos, como Wartburg (15) tenham voltado à conexão histórica com os Borguinhões, pensamos poder conciliar as duas teorias. De fato, o território do franco-provençal é o do antigo reino; mas o deste corresponde aos antigos bispos. Os invasores vieram ocupar, precisamente,

(12) *Les modifications phonétiques du langage étudiées dans le patois d'une famille de Cellefrouin*, Paris, 1891, pág. 348.

(13) *Romanische Studien* I, 629. Cf. também Meyer-Lübke, *Einführung*, 21-2.

(14) *Mundartenforschung und Geschichte auf romanischen Gebiet*, in *Aus Dichtung und Sprache der Romanen*, III, págs. 295-320.

(15) "Le franco-provençal doit sa position toute spéciale à l'élément burgonde" — "ses traits se tiennent exactement entre les limites du royaume burgonde d'avant 459" (17). *Evolution et structure de la langue française*, 3.ª ed. 1946, pág. 82).

Por outro lado o Pe. Gardette, em estudos recentes, mostrou que as fronteiras do dialeto de Foréz estão compreendidas nas dioceses de Clermont e de Puy, as quais, por sua vez, se relacionam com as *civitates* dos Segussavi, Arverni e Vellavi. Cf. *V. R.* VII, 303.

aquela área, onde não será desarrazado crer que se desenvolvera uma vida própria, condicionada por motivos étnicos, geográficos, econômicos e espirituais. O estabelecimento do novo reino veio consolidar uma diferenciação que lhe era anterior.

Outro bom exemplo foi evidenciado pelos estudos de Brunneau acerca de extensa área dialetal da França — a das Ardenas:

"Les patois actuels sont l'aboutissement de quinze siècles d'histoire. À l'époque primitive où l'*Ardenna siva* couvrait le plateau d'Ardenne, le relief du sol a décidé de la colonisation du pays... des l'origine, trois masses de population de provenance diverse parlaient trois langages différents... Sur les cartes linguistiques actuelles, nous trouvons encore tracés les frontières des trois races. Irrégulières et confuses dès l'origine, ces frontières sont devenues plus irrégulières et plus confuses encore au cours de quinze siècles de vie commune et d'influences réciproques" (16).

Fora do campo românico também será possível encontrar exemplos dessa admirável concordância, que atravessa, intacta, tantos séculos.

Em diversas regiões da Alemanha de nossos dias (17), as isoglossas coincidem rigorosamente com as fronteiras políticas anteriores a 1789 — que remontam, em geral, aos séculos XIV e XV. E deve acentuar-se, ainda, que as fronteiras políticas são, igualmente, confessionais (18).

Apesar desses casos de flagrante unidade, é preciso lembrar, como faz Menéndez Pidal (19), que as relações culturais determinantes da difusão de um câmbio linguístico nem sempre se ajustam a quaisquer limites políticos ou administrativos, mas ora os sobrepujam, ora estacionam aquém deles. Assim, é preciso levar na devida conta que os limites linguísticos atuais podem ter sido, em relação ao passado, deslocados ou recuados.

A manutenção ou a deslocação das fronteiras milenárias depende de fatores sociológicos. E, ainda, a mobilidade social, o jogo complexo dos contactos e

(16) *La limite des dialectes wallon, champenois et lorrain en Ardenne*, Paris, 1913, página 177.

(17) Referimo-nos à Alemanha anterior a 1939.

(18) Vendryès, *Le Langage*, pág. 307. Vj. outros exemplos em Bach, *Deutsche Mundartenforschung*, 2.ª ed. Heidelberg, pág. 98 e ss.

(19) Vj. a R.F.E. III, 1916, pág. 82; *Orígenes del Español*, 2.ª ed., 1929, pág. 574. Lembrese, no entanto, que ao próprio Menéndez Pidal devemos a indicação de limites quase milenários, como o que aponta às págs. 228-9 dos citados *Orígenes*.

das interações, que determinam, em substância, a persistência ou a mudança das linhas de demarcação (20).

Nesse sentido é indispensável ter-se na devida conta a advertência de

Meillet:

"Ce qui décide des concordances linguistiques — comme aussi, en partie au moins, des divisions politiques —, ce sont des faits de civilisation: le coude remarquable que fait le gros faisceau des limites entre le gallo-roman du Nord et celui du Midi entre Bordeaux et Lyon dessine vers le Nord une grande courbe, qui concorde en gros avec celle que dessine la ligne du chemin de fer (par Périgueux, Limoges, Guéret, Mont-luçon, Cannat, Roanne) entre ces deux villes, pour éviter les hauteurs du Plateau central. Ce sont des faits de civilisation qui expliqueront pourquoi tout le plateau central appartient au type du Midi" (21).

(20) O problema dos limites é dos mais complexos. Vj. o que dizem L. Dominian, *The frontiers of language and nationality in Europe*, Nova Iorque, 1917; Gordon East, *Géographie historique de l'Europe*, Paris, 1950, passim; Tallgren, *Un desideratum: L'Atlas historique romain* (in *Bulletin de Dialectologie Romane*, V, 1913, págs. 1-20; Tappolet, in *Festschrift Morf*, 1905, pág. 385 ss.; Gamillscheg, in *Festschrift Becker*, pág. 50 e ss.; A. Rosenquist, in *Neuphilologische Mitteilungen* XX, 1919, págs. 87-19. Bons exemplos de limites antigos, conservados através dos tempos, dão-nos Paul Level e Paul Maillart com o auxílio da topografia e da história regional: cf. a revista *Onomástica*, I, junho de 1947, pág. 127 e ss.

(21) Vj. B.S.L.P. XXII, 1920, pág. 73. Já antes, quase, no mesmo sentido, se manifestara Terracher em *Les aires morphologiques dans les parlers populaires du nordouest de l'Angoumois* (1800-1900), Paris, 1914, págs. VIII-X.

Morf, em 1911, pretendu mostrar que o limite picardo-franciano, absolutamente diverso das fronteiras políticas atuais, concorda rigorosamente com as fronteiras diocesanas. A zona do picardo corresponderia, assim, às antigas dioceses de Beauvais, Noyon e Cambrai — enquanto a área do franciano se sobreporia à dos bispados de Rouen, Paris e Lion. Cf. *Zur sprachlichen Gliederung Frankrichs*, 1911. Clemente Merlo vai nas mesmas águas e repete que "la Francia dialetale odierna è la Gallia de Giulio Cesare" (in R.A.J. II, 1940, págs. 63-75). Em Gossen, *Die Pikardie als Sprachlandschaft des Mittelalters*, Biel, 1942, págs. 134-140; há elementos que parecem confirmar as teses de Morf.

Warburg desaprova tal interpretação e procura esclarecer a estrutura linguística da França com os movimentos dos invasores germânicos (cf. *Die Angliederung der romanischen Sprachräume*, Halle, 1936, pág. 19 ss.) mas, por outro lado, opõe-se-lhe Harri Meier, que busca raízes mais profundas: cf. *Die Entstehung der romanischen und Nationen*, 1941.

A verdade é que, como diz o romanista italiano Carlos Tagliavini, "non una sola delle ragioni invocate dai filologi ha influito, ma tutte hanno contribuito a portare all'odierna policromia dialetale della Francia". (*Le origini delle lingue neolatine*, 1949, pág. 304).

As fronteiras deslocam-se, a base étnica se altera, quando a facilidade de acesso proporciona penetração constante por meio de elementos que vêm de fora. E as oscilações populacionais provocam oscilações linguísticas.

No que toca a mudanças provocadas por movimentos demográficos, é dos mais expressivos o caso dos Ossaleses, magistralmente estudado por Jean Passy⁽²²⁾. O vale de Ossau era habitado, até o século IX, por uma população que foi substituída (salvo em três aldeias) por emigrantes vindos de Beneharnum, depois da destruição levada a cabo pelos Normandos. Combinando dados históricos e dialetológicos, o filólogo francês chega às seguintes conclusões:

- 1 — os altos vales dos Pirineus estavam povoados, depois da romanização, por uma gente sensivelmente homogênea, que falava uma série de dialetos muito vizinhos — de que ainda hoje os falares de Barétous, Aspe e Azun são continuções diretas;
- 2 — os três vales de Ossau, Aspe e Barétous estavam reunidos num bloco uniforme;
- 3 — aí pelo IX.º século d. C., o vale de Ossau, por causas não sabidas, estava mais ou menos despovoado;
- 4 — por essa mesma época, uma invasão de normandos devastava a planície bearnesa, arruinando, entre outras, a cidade de Lescar;
- 5 — os habitantes de Lescar e arredores, expulsos por essa invasão, refugiaram-se em Ossau, onde se mesclaram com o que restava dos autóctones;
- 6 — todavia o núcleo primitivo da população de Ossau se concentrou nas três aldeias de Arudy, Izeste e Castet onde ainda hoje se ouve um falar que continua o dos antepassados.

Merece também referência a Córsega, onde o substrato pré-romano era semelhante ao da Sardenha, e onde, a princípio, se desenvolveu uma latinidade intimamente ligada à da grande ilha mediterrânea. A característica de ambas era o conservantismo, pois o fato de serem ilhas as condenava a uma grande segregação: pode, portanto, falar-se numa unidade linguística sardo-corsa.

(22) *L'origine des Ossalois*, Paris, 1904, págs. 4, 5, 9, 60-1, 143 e passim. Cf. mais os dados toponímicos de P. Sallenave, nas *Actas de la primera reunión de toponimia pirenaica*, pág. 181 ss.

Mas, na época dos Longobardos, durante cinco séculos, a Córsega passou a gravitar em torno da órbita econômica e cultural da Toscana. Esse período, que se estende do século VI ao XII, determinou nova estrutura ao falar corso que, tal como se apresenta hoje, não é senão um dialeto do toscano, embora, aqui e ali, possam ainda os filólogos descobrir traços da antiga unidade sardo-corsa⁽²³⁾.

Dentro, aliás, do mesmo grupo linguístico, há falares que mudam de caráter. Giacomino estudando o falar de Asti (Piemonte), observou que é "rimodellata quasi per intiero sullo stampo del volgare torinese"⁽²⁴⁾.

Vêm a propósito estas considerações de Migliorini:

"Il dialetto di Monza non riflette uno "spirito monzese" indipendente, dall'età romana ad oggi, ma quel pochi spunti attivi che l'individualità storica di quella città ha potuto avere, insieme con i molti spunti passivi, di suggestione alla vicina Milano. Perciò il dialetto é per così gran parte identico a quello di Milano; e anche gli italianismi che ora vi si manifestano gli provengono dalla metropoli lombarda. Il dialetto di una città come Bergamo manifesta, nelle successive sue fasi, diverse sintese di spunti autonomi, di tratti lombardi e di tratti veneti". (*Linguistica*, 1946, págs. 63-64).

4 — INTERAÇÃO LINGÜÍSTICA

A vida social proporciona, pois, uma série ininterrupta de contactos e interações. Em tal sentido, como lembrou um dos maiores sociólogos da França, a sociedade pode ser definida como "une collection d'êtres en tant qu'ils sont en train de s'imiter entre eux ou en tant que, sans s'imiter actuellement, ils

(23) Vj. entre muitos outros, como M. L. Wagner e Bottiglioni, o estudo de Rohlf's, *L'italianità linguistica della Corsica*, Viena, 1941.

(24) O exemplo de Panictaria, pequena ilha do Mediterrâneo, é também expressivo. Ocupada pelos Arabes desde o fim do século VII, a língua árabe era já falada no século XVIII; mas a população, reduzida a 600 almas em 1798, cresceu, no século XIX para 10.000, por causa da emigração siciliana — e desarte o dialeto que atualmente se fala é siciliano. Conservam-se pouquíssimos termos árabes; só na toponomástica preponderam tais elementos. Cf. a *Romania*, 32, 1903, pág. 165.

(24) Vj. o *Archivio Glottologico Italiano*, XV, pág. 408.

se ressemblent et que leurs traits communs sont des copies anciennes d'un même modèle"⁽²⁵⁾.

Assim encarada, ela é a soma da atividade dos indivíduos, e sem dúvida refletirá as influências psicológicas de uns sobre outros. Daí a importância da imitação, que fica sendo o cimento das relações inter-humanas.

Não nos compete, aqui, expor a famosa polémica entre Durkheim e Tardé, acerca da antinomia entre a coerção social e o espírito criador, mesmo porque as posições extremas de ambos foram superadas e conciliadas por um Wiese, um Worms.

Este último escreve, por exemplo, o seguinte:

"Dans toute imitation il y a quelque chose d'original: car nul ne copie un modèle sans le déformer; à l'imitation se mêle donc sans cesse l'invention. Réciproquement, toute invention utilise un matériel préconstitué, suit une voie où des devanciers se sont engagés, renferme donc une certaine part d'imitation".

E logo depois:

"... tout acte imposé par les règles sociales ne s'accomplit pourtant que suivant une modalité dépendant des moyens et souvent des caprices de l'individu. Et tout acte individuel doit compter, au moins comme limite, avec une règle sociale. Il y a, ainsi, une incessante pénétration réciproque des deux éléments. L'individuel ne se peut opposer au social". (*La Sociologie*, 1921, págs. 37-38).

É evidente que esse duplo carácter — individual e social — também se manifesta na língua. É sabido que cada um fala à sua maneira, diferente dos outros: a rigor há tantas linguagens quantos indivíduos.

Mas, por isso mesmo que a vida social impõe o mútuo entendimento, existem, dentro de cada grupo social ou regional, determinadas somas de identidades. São elas que, junto com outros fatores, identificam socialmente as pessoas.

Tais círculos não constituem, porém, compartimentos estanques, mas, pelo contrário, estão em freqüentes interpenetrações. Há um jogo perpétuo de ações e reações.

Já Veblen, entre outros, lembrara que a sociedade se compara a uma pirâmide, na qual as classes sociais estão justapostas. Cada uma delas procura imitar a que lhe está imediatamente superior, e evitar as características da que lhe fica logo abaixo.

Disso decorre um sutil jogo de gradações em que o elemento prestígio entra em máxima parte:

- a) o socialmente superior é imitado pelo socialmente inferior;
- b) o rico é imitado pelo pobre;
- c) a cidade é imitada pelo campo.

Trata-se, como se evidencia, de tendências de imitação e seleção: cada estrato se define por tendências *positivas* (imitação do estrato superior) e *negativas* (diferenciação do estrato inferior).

A classe mais elevada caracteriza-se, principalmente, pelas tendências negativas: evita tudo o que é peculiar às outras camadas da sociedade. E, por outro lado, nada tendo acima de si, compraz-se em imitar os modelos do passado, ao mesmo passo que cria novas formas: eis aí o carácter ao mesmo tempo conservador e neologista das línguas literárias.

Assim compreendidos os fatos, podemos enumerar os vários tipos de contacto linguístico:

- 1) contacto dos elementos linguísticos uns com os outros⁽²⁶⁾;
- 2) contacto das línguas individuais, dentro da mesma comunidade social;
- 3) contacto das línguas das várias classes sociais;
- 4) contacto das falas regionais umas com as outras;

(26) A analogia, por exemplo, resulta de uma confusão dentro dos elementos do sistema. Referindo-se a uma criação análoga, diz Victor Henry: "Elle connaissait *terré*, en *retard* et *lói*, en sorte que* en *retói* a spontanéement jallit de ses lèvres. Ne dites pas que son opération a été consciente du moins en ce sens qu'elle a dû construire mentalement la formule d'analogie proportionnelle: "*retói*: *lói*: *retard*: *terré*". Sans doute, elle l'a construite; mais elle ne s'en doute pas et ne s'en est pas doutée: tout cela s'est passé au fond de son inconscient, et elle a dit *retói* comme elle aurait répété un mot qu'on lui aurait réellement appris." (*Anthomies Linguistiques*, 1896, pág. 71).

O sistema, portanto, já contém a possibilidade, a imanência e a direcção de certas mudanças. Cf., no mesmo sentido, as observações de Pisaní, em *Geolinguística e Indeuropico*; página 211 n.

(25) Gabriel Tardé, *Les lois de l'imitation*, pág. 73.

- 5) contacto das falas regionais com a língua comum;
- 6) contacto das gerações⁽²⁷⁾;
- 7) contacto de línguas diversas, por via de penetração pacífica ou militar.

O linguista que mais profundamente estudou este assunto foi Hugo Schuchardt, espírito eminentíssimo, que reunia a grande sagacidade uma erudição quase sem limites.

Desde cedo (1882) quando a Linguística ainda se debatia nas incertezas do darwinismo e do biologismo, compreendeu ele que a causa primária da influência de uma língua noutra era sempre de essência social, e nunca físico-lógica. Ainda mais, pode escrever, com extraordinária visão:

“O problema da mistura linguística, o qual está intimamente ligado ao do bilingüismo, é extremamente complexo e só se pode esclarecer em base psicológica. Duas línguas não se misturam como dois líquidos diferentes, mas sim como diferentes atividades de um e mesmo indivíduo.” (*Brevier*, página 151).

Poucos anos depois, na sua obra clássica, que obteve o Prémio Volney, *Slavo-deutsches und Slavo-italienisches*, completava o pensamento:

“A possibilidade da mistura linguística não tem, em parte nenhuma, limites; ela vai desde o máximo até o mínimo das

(27) Observando-se o corte sincrónico de uma língua, vemos a coalescência de várias gerações. Há, principalmente, três grupos em contacto e interacção: I (de 1 a 30 anos); II (de 31 a 60 anos); III (de 61 em diante). Linguisticamente notam-se diferenças entre esses grupos: vj. entre outros, o estudo pioneiro de L. Gauchat, in *Festschrift Mfj*, Halle: 1905; pág. 204 ss.; e o notável artigo de A. Durafour no *B. S. L.*, XXVII, págs. 68-80.

Além disso, é preciso ter na devida conta que, mesmo dentro do compasso de dez anos, que caracteriza uma geração, umas crianças recebem influências doutras pouco maiores e assim se vai estabelecendo uma unidade progressiva. Cf. J. M. Manly, *From Generation to Generation* (in *Miscellany* Jespersen, Copenhagen, 1930, pág. 287 e ss.).

Também haveria que considerar o contacto entre fases sucessivas da língua, que se pode dar: a) *no tempo*, quando conscientemente se imitam os modelos do passado, reproduzindo-se os seus modos de dizer (arcaísmos e empréstimos ao Latim);

b) *no espaço*, quando se interpenetram indivíduos que estão em estágios linguísticos diferentes, como é o caso da língua comum e os falares, que são conservadores. Assim coadunam o regionalismo e o arcaísmo.

diferenciações... A mistura existe mesmo que se mantenha a continuidade territorial e, nesse caso, é especialmente intensa e complicada.

Todavia, ainda mais intensa e emaranhadamente se cruzam as línguas, se descermos até às unidades linguísticas, isto é, às falas individuais. Todo indivíduo aprende e modifica a sua língua em contacto com uma série de outros indivíduos. Esta totalidade e inevitável mistura linguística cerceia, dentro de um grupo, a formação de diferenças significativas.

Chegamos ao último passo: encontramos mistura dentro da língua considerada perfeitamente una. Os fenómenos chamados de analogia provêm dela...

Em nosso cérebro existe um mundo infinito de representações linguísticas, cada uma das quais está ligada a muitas outras de maneira pluriforme. A força dessas associações está em uma permanente mudança, o que provoca numerosas e profundas alterações na língua.

“Os hábitos fonéticos, em geral, tendem a permanecer, porém, não na amplitude que a alguns se afigura. Devem as coisas passar-se com os povos semelhantemente como aos indivíduos, dos quais uns — é certo que a grande maioria — depois de um estado de dezenas de anos noutra país se distinguem dos nacionais já apenas na pronúncia, mas de maneira bem definida, enquanto os outros muito rapidamente dominam todas as sutilezas da fonética estranha mas não deixam de lutar permanentemente com a gramática e com o dicionário?” (págs. 6-7).

Anos mais tarde insistia:

“A mistura impregna toda a evolução linguística; ela se exerce entre línguas distintas, entre falares próximos, entre línguas aparentadas ou não aparentadas. Quer se trate de mestiçagem ou de empréstimo, de imitação ou de influência estranha, estamos sempre diante de fenómenos essencialmente semelhantes”. (*Brevier*, pág. 193).

Como facilmente se observa, a teoria de Schuchardt, assim compreendida, é muito mais ampla e profunda do que a tese do *substrato*, aventada por Ascoli, e depois abraçada ou discutida pela quase totalidade dos linguistas.

Esse permanente jogo de contacto e interação é que explica a relativa falta de precisos limites dialetais; a massa linguística, dentro de um território, representa um tecido cujas graduações de colorido são imperceptíveis.

É que as mudanças linguísticas, realizadas em determinados centros, se irradiam depois por uma área circunjacente, à feição de ondas.

É de importância capital o fato de que a criança não nasce com a posse da língua. Ao contrário, ela tem de aprendê-la, e só o consegue pausadamente, imitando as pessoas que a rodeiam.

Dessa maneira, cada geração readquire a língua, o que, naturalmente, provoca descontinuidade na transmissão.

Nessa "*ininterrupta reparação do todo*" — para usar uma expressão do sociólogo Spann — perdem-se uns elementos e alteram-se outros — que são compensados pelas novas criações.

Segundo Meringer⁽²⁸⁾, aliás muito parcimonioso em apreciar a influência da linguagem infantil, a contribuição dessa descontinuidade consistiria no seguinte:

- 1) sons em posição fraca ficam cada vez menos perceptíveis a novas gerações, desaparecendo por fim;
- 2) determinadas assimilações;
- 3) formas difíceis ou irregulares desaparecem, e são substituídas por formas normais: é o caso de *jazi*, hoje consagrada;
- 4) palavras raras, de estrutura pouco clara, são sujeitas a novas associações psíquicas (*atração homonímica*, etc.).

Esse contacto entre gerações desempenha, como se vê, considerável papel na evolução. É óbvio que entre a linguagem fixada pela criança, e a das pessoas que lhe serviram de modelo, há diferenças mais ou menos apreciáveis. Com o correr das gerações tais diferenças, a princípio infinitesimais e, por isso, despercebidas à observação comum, se acumulam e se tornam claramente visíveis.

(28) *Aus dem Leben der Sprache*, 1908, pág. 225.

Em tal sentido, parecem-nos dignas de meditação estas palavras do linguística dinamarquês Otto Jespersen:

"L'histoire linguistique de chaque individu est l'histoire de sa socialisation linguistique: le tout petit enfant commence par un langage à part, une langue à lui que personne ne comprend, et passe à une imitation d'abord très défectueuse des mots des autres... De temps en temps l'imitation devient moins défectueuse, et peu à peu l'enfant apprend à se conformer mieux aux habitudes des autres.

.....

Il imite, et imite encore, et imite toujours, et au bout de très peu d'années son imitation est devenue si parfaite qu'on ne parle plus de langage enfantin, même si naturellement il lui reste encore beaucoup de choses à apprendre dans sa langue⁽²⁹⁾. (Vj. *Linguistica*, Copenhague, 1933, págs. 123-4).

E pouco depois:

"L'imitation d'autres individus est donc l'alpha e l'oméga de la vie linguistique.

.....

L'adaptation continuelle aux habitudes linguistiques d'autres individus a donc lieu non seulement dans la période dans laquelle l'enfant commence à parler mais pendant toute la vie" (124-5).

Finalmente:

"Je tire donc de tout ceci la conclusion que l'imitation continue des parlés d'autrui est une condition de la plus haute importance pour la vie du langage" (pág. 126).

(29) Gritamos o trecho, que nos parece merecer comentário. De fato, a aprendizagem da língua está condicionada ao meio social a que o indivíduo pertence. Essa é a *linguagem transmitida*, depois da qual vem a *linguagem adquirida*, que a criança vai buscar ao ensino escolar, onde entra em contacto com o material linguístico que as gerações mais antigas nos legaram em suas obras, consideradas clássicas.

Assim, toda pessoa adulta possui uma *consciência linguística*, que vem a ser a soma dos meios de expressão transmitidos no *espaço* (imitação oral) e no *tempo* (imitação do passado).

Luis Gauchat, em feliz pesquisa de campo ⁽³⁰⁾, estabeleceu que o processo lênico se prolonga por três gerações — o que vale dizer por um período de cem anos.

Seria lícito, portanto, estudar a evolução de uma língua, de século a século, se determinados fatores sociológicos, adiante enumerados, não influíssem no sentido de retardá-la ou apressá-la.

É precisamente esse *ininterrupto contacto, esse uso repetido e multiforme, essa ininterrupta reparação do todo, que explicam o estado de permanente mudança, característico das línguas*. Cada língua, ou grupo de línguas, evolui de acordo com determinadas tendências. Essa estrada geral da evolução explica-se pela própria natureza de cada sistema linguístico.

É óbvio que os centros de inovação se constituem nos lugares densamente povoados — as cidades — onde é mais intensa a fermentação da vida, pois, como já lembrou alguém, a comunidade rural se assemelha à água placida de um balde, enquanto a comunidade urbana se parece à água em ebulição numa chaleira.

Como consequência natural, as inovações se operam nas cidades e daí, à feição de ondas, se irradiam para o interior.

5 — EVOLUÇÃO E ESTRUTURA SOCIAL

A evolução linguística está intimamente ligada à evolução histórico-social: a rapidez ou a lentidão das transformações depende da estrutura da sociedade.

A vida social oscila entre a imitação dos antigos e a difusão das inovações. Trata-se, para falar com Tarde, da *imitação-costume* e a *imitação-moda*, que operam em direções diferentes: enquanto a primeira tende a perpetuar e valorizar o antigo, a segunda força por coletivizar as inovações.

O *costume* precede a *moda* e esta não passa, na verdade, de "bien faible torrent à côté du grand fleuve de la coutume" ⁽³¹⁾ — para citar as próprias palavras do grande sociólogo. Cumprir salientar, ainda, a sagaz observação de Simmel, para quem a *moda* apresenta duas tendências opostas: *nivelamento e individualização*, isto é, o prazer de imitar e o de distinguir-se. Ou seja, nas palavras do mestre alemão: "a história inteira da sociedade consiste nas lutas e compromissos, nas conciliações, lentamente obtidas e logo desfeitas, que se

dão entre o impulso de fundirmo-nos com o nosso grupo social e o afã de destacar a nossa individualidade" ⁽³²⁾.

O equilíbrio entre a *imitação-costume* e a *imitação-moda* é que explica a relativa e aparente estabilidade.

A preponderância de uma delas significará evolução lenta ou precipitação no sentido geral das tendências.

Contam-se entre os fatores que favorecem o prestígio do costume:

culto dos antepassados;
 isolamento físico;
 isolamento linguístico;
 isolamento social;
 vida caseira;
 analfabetismo;
 reverência aos livros sagrados;
 sedentariedade;
 falta de contactos culturais.

Pelo contrário, são elementos favoráveis à imitação-moda:

autoridade da geração nova;
 melhoramento dos meios de comunicação;
 igualdade civil e social;
 hospitalidade;
 emancipação das mulheres;
 instrução;
 liberdade de discussão;
 viagens e migrações;
 guerra e conquista.

É de capital importância a estrutura da sociedade. As inovações linguísticas, como vimos, são virtualidades do sistema: há que levar em conta, porém, que são as condições sociais dos falantes que fixam as novas formas e dão andamento às mudanças em potencial.

⁽³⁰⁾ *L'unité phonétique dans le patois d'une commune*, in *Festschrift Morf*, Halle, 1930, págs. 175-232.

⁽³¹⁾ *Les lois d'imitation*, pág. 260.

⁽³²⁾ "Die ganze Geschichte der Gesellschaft lässt sich an dem Kampf, dem Kompromiss den langsam gewonnenen und schnell verlorenen Versöhnungen abhellen, die zwischen der Verschmelzung mit unserer sozialen Gruppe und der individuellen Heraushebung aus ihr auftreten" (*Philosophie der Mode*, Berlin, s/d, pág. 6).

De fato, como acentua Meillet⁽³⁵⁾, língua falada por uma população estável, e que não se mistura com outras, modifica-se pouco, e lentamente: é o caso do lituânio. O reverso da medalha é a língua de um povo de emigrados, que se misturam com os indígenas e acolhem, não só mulheres estrangeiras, como novos imigrantes: aí as modificações são muitas e rápidas, salvo se um ensino escolar eficiente e muito disseminado mantiver um tipo linguístico.

Realmente, numa população coletiva, e, sobretudo, se são múltiplos os dialetos e as línguas faladas nas regiões vizinhas, a criança que aprende a falar tem diante de si modelos divergentes: pode escolher entre várias formas que ouve à sua roda. Ao mesmo tempo não encontra sanção social capaz de cobrir as novas pronúncias e as suas criações analógicas.

No latim estavam reunidas todas as condições de instabilidade linguística: por isso se transformou muito depressa e alterou consideravelmente o sistema indo-europeu. A experiência mostra que os povos invasores são levados a eliminar as particularidades locais da sua língua: é a consequência dos contactos que forçosamente se verificam durante esses movimentos sociais. A unificação, como se compreende, escolhe as formas que são sentidas como mais regulares: as anomalias são desfeitas, adaptando-se aos modelos.

O linguísta holandês van Ginneken⁽³⁴⁾ acenou para um aspecto interessante da estrutura da sociedade. Trata-se do caso dos casamentos entre cônjuges que falam dialetos diferentes — situação que os leva a adotar o recurso de falar a *língua comum*. Como óbvio consequência, os filhos aprendem-na dos lábios maternos.

Em magnífica pesquisa de campo, Terracher pôde confirmar a importância dos intercassamentos. Estudando os falares do Angoumois, comprovou que a morfologia se desagregava nos lugares em que eles eram frequentes. Ao contrário, nas localidades livres do contacto com gente de fora, a morfologia se mantém:

"Les sujets transplantés d'une aire "moins patoise" dans une aire "plus patoise" n'adoptent jamais complètement le système morphologique de leur milieu nouveau et... ont, dans les familles où ils entrent, une action qui tend à désagréger le système ancien; dans les communautés dont la population

(35) Vj. De quelques innovations de la déclinaison latine, pág. 2.

(34) Citado por Jespersen, em *Mankind, Nation and Individual From a Linguistic point of view*, Londres, 1946, pág. 47.

se renouvelle relativement peu par les intermariages, la résistance du système morphologique est très forte; alors qu'elle est très faible partout où les intermariages avec les aires moins patoises sont courants" (35)

O dialeto de Mustair, magistralmente estudado por Andrea Schorta⁽³⁶⁾, distingue-se nitidamente do falar da aldeia vizinha, que é Santa Maria. A razão está no fato de que os homens de Mustair, que são católicos, vão de preferência buscar as esposas a Vintschgau, onde se professa o mesmo credo, e não a Santa Maria, que adota a Reforma. Essas mulheres, que são de língua alemã, introduzem uma série de hábitos articulatórios germânicos.

No mesmo caso está o falar alemão da aldeia de Muten, onde existem hábitos articulatórios devidos às mulheres de falar romanche; lá levadas pelo casamento. Cf. Warburg *Einführung in Problematik und Methodik der Sprachwissenschaft*, Halle, 1943, p. 40.

Fatos dessa natureza deram-se em todos os tempos, seja por afinidades étnicas, religiosas ou, apenas, por efeito de conquista⁽³⁷⁾.

Salusto, por exemplo, falando dos habitantes de Lepis, diz que a língua dos fundadores da cidade mudou, por causa do casamento com as mulheres

(35) *Les aires morphologiques dans les parlers populaires du nord-ouest de l'Angoumois* (1800/1900), Paris, 1914, pág. 226.

Quem não puder ver o esplêndido e exaustivo estudo de Terracher, que Meillet tinha em conta de livro capital, pode ler os extratos de Dauzat, *La Géographie Linguistique*, pág. 98 e passim, e Delacroix, *Le Langage et la pensée*, págs. 195 e 208.

Já em 1903 Hirt estudara o *factivo*, falar servio em vias de desaparecer tirado pela língua comum, graças ao sistema matrimonial da *zadruga*: vj. *Der Slavische Dialekt im Königreich Serbien*, 56 págs.

(36) Cf. *Lautlehre der Mundart von Mustair*, 1938, pág. 2.

(37) Há que recordar, como exemplo histórico particularmente expressivo, o "raptio das sabinas". No curso da obra teremos ensejo de nos referir a casamentos mistos várias vezes, por ex.: nas fronteiras, nas conquistas germânicas e árabicas, nas Colônias...

Da importância dos intercassamentos, em geral, fala Haberlandt: "El cambio de mujeres, efectuado de un modo guerrero o pacífico, entre las tribus afines o independientes de un mismo territorio, el raptio de niños y de esclavos son otros nuevos factores que de un modo anónimo, por decirlo así, influyen profunda y constantemente, por conducto de las numerosas ramificaciones de la vida privada, en el desarrollo de los pueblos." (*Etnografía*, trad. por Aranzadi, Barcelona, 1926, pág. 41; os gritos são meus).

númidas: "eius civitatis lingua modo convorsa conubio Numidarum;..." (*Bellum Iugurthinum*, LXXXVIII⁽³⁹⁾).

Com relação a tempos mais próximos de nós, fácil será encontrar outros exemplos igualmente expressivos. Lembremos apenas este, referido por Diogo do Couto:

"E como estes desterrados falavam a lingua Tanagarim, que era sua própria, depois que se ajuntaram por casamento com as mulheres da outra costa, que falavam Malavar (que é a mais usada que há naquela costa do Canará), misturando-se estas línguas ambas, vieram a formar a que hoje usam, posto que os mais falam Malavar estreme." (*Década V*, parte 1.^a, ed. de 1729, pág. 50).

Mesmo descontando-se o modo pouco-científico e simplista com que o velho escritor apresenta a "mistura", é indubitável que se trata de um exemplo expressivo.

Na manutenção dos velhos traços culturais e, portanto, da língua dos antepassados, é grande o papel das mulheres⁽³⁹⁾. Já Platão, no *Crátilo* (418 b), um modo de falar muito antigo.

Cícero, no seu *De Oratore* III, 12, dizia que quando a sogra falava parecia-lhe ouvir Plauto ou Névio, e acrescentava: melhor do que nós, as mulheres guardam o acento antigo, porque elas variam pouco de conversação e se mantêm fiéis ao que aprenderam na infância — "facilius enim mulieres incorruptam quae prima dixerunt."

E não faltam exemplos mais modernos. Fernão d'Oliveira teve o cuidado de consultar mulheres idosas para aprender o significado de palavras desusadas no seu tempo (pág. 76). Idênticas afirmações se lêem na *Córtie na Aldeia*, de Francisco Rodrigues Lobo, e na *Carta de guia de cazados*, de D. Francisco Manuel de Melo.

Em caso de mudança de língua, pode mesmo suceder que as mulheres de uma localidade se tornem as únicas depositárias do falar dos antepassados. Foi

(39) Já citado por Millardet, em *Linguistique et dialectologie romanes*, 1928, pág. 489, conservadoras del idioma, como también con la mayor fidelidad conservan la antigua tradición, la costumbre, el traje, aun cuando el hombre haya abandonado ya todas esas realidades." (*Linguistica Indoeuropea*, trad. de González de la Calle, Madrid, 1928, página 89). Cf. ainda as reflexões do mesmo autor, na *Wörter und Sachen*, III, 1911, pág. 38.

o que se deu, por exemplo, na aldeia de Eibelshausen, agregada, em 1314, à circunscrição judiciária e à paróquia de Ebersbach:

"Heute hort man echten Eibelshauser Dialekt nur noch bei den Frauen, während die Männer und auch grossenteils die Kinder, schon den Dialekt des Kirchspiels Ebersbach sprechen." (W. Kork, in *Deutsche Dialektgeographie*, IV, 1915, 312.)

Todos aqueles que têm pesquisado, meticolosamente, os falares atuais, observaram que a linguagem da mulher é mais conservadora do que a do homem. Jaberg e Jud, organizadores do *Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália*, escrevem:

"Es besteht wohl kein Zweifel darüber dass in Italien Frauen aus mittleren und unteren Klassen im allgemeinen die zuverlässigsten Vertreter der einheimischen Mundart sind, da sie wenig reisen, die periodische Auswanderung meist nicht mitmachen, Einflüssen von aussen weniger ausgesetzt sind als Männer,..." (*Der Sprachatlas als Forschungsinstrument*, 1928, página 189).

Sever Pop, que planejou e executou o Atlas Rumeno, dá-nos igual informação:

"... le patois des femmes est presque toujours plus conservateur que celui des hommes de la même localité, ceux-ci étant plus souvent obligés de prendre contact avec les gens de la ville et surtout avec les autorités" (in *Revue de Linguistique Romane*, IX, pág. 107).

Os exemplos poderiam multiplicar-se⁽⁴⁰⁾. Pode, inclusivamente, dar-se o caso de que as mulheres sejam as mantenedoras não só do falar local, como da sua pureza:

"... l'unité et la vitalité du macédo-roumain sont dus uniquement à la femme et à l'influence dominante de celle-ci

(40) Vj., por exemplo, Gauchat, in *Festschrift Morf*, 1905, pág. 218; Terracini, in *Archivum Glottologico Italiano*, XVIII, págs. 166-167; Trubetzkoy, *Grundzüge der Phonologie*, 1939, pág. 21 ou págs. 20-21 da trad. fr. *Principes de Phonologie*, Paris, 1949.

Especialmente notável e rico, é o artigo de Tagliavini, nos *Scritti in onore di Alfredo Trombetti*, Milão, 1938, págs. 87-142. Cf. também Th. B. de Graff, *The conservatism of women's speech*, in *Classical Journal*, XXVII, 1932, 611-612.

dans la famille. Sans elle l'unité et la vitalité du macédo-roumain auraient été impossibles; l'homme devenu forcément bilingue, son parler maternel très compromis déjà par le fait du bilinguisme, ne tarderait pas à succomber et à disparaître totalement." (B. Recatas, *L'état actuel du bilinguisme chez les Macédo* — Roumains du Pinde et le rôle de la femme dans le langage, Paris, 1934, pág. 28).

Entre os Meglentas os homens conhecem o búlgaro; as mulheres usam apenas o falar natal ⁽⁴¹⁾. Na comunidade dos Aromúnios que vivem na Grécia, só nas mulheres se encontra pureza lingüística; no falar dos homens são abundantes os grecismos ⁽⁴²⁾.

O conservantismo da mulher está ligado a fatores sociológicos ⁽⁴³⁾:

- 1 — a mulher vive confinada ao lar, sem largas possibilidades de convívio social extenso ⁽⁴⁴⁾;
- 2 — a mulher, fora das cidades, não tem ocasião de instruir-se, por falta de escolas, ou pelo preconceito de que ela não deve aprender a ler e a escrever ⁽⁴⁵⁾;
- 3 — o léxico das mulheres é rico em vocabúlos ligados à vida doméstica, que se mostra mais conservadora, menos sujeita a alterações.

Esta última afirmação é confirmada pelo fato de que as palavras relacionadas com a vida íntima das mulheres ascendem a uma grande antigiuidade; por ex. — fr. *bercer*, que é o lat. vulgar *bertiare*, adaptação de um radical gaulês *bertā*; fr. *pièce* que é latinização de um gaulês *pettia*; fr. *suie*, que continua o gaulês *sudia*.

(41) Puscarni, *Die rumänische Sprache*, Leipzig, 1943, págs. 442-444.

(42) *Ibidem*.

(43) *Archivio Glottologico Italiano*, XXIX, págs. 176-177.

(44) Que o conservantismo das mulheres está ligado ao isolamento psíquico e espacial, evidencia-se do fato de que quando dele conseguem libertar-se revelam fortes tendências inovadoras: cf. Bartoli nos *Bausteine Neussifia*, pág. 292; Jespersen, *Langwage*, pag. 242-245.

(45) Vj. J. Bloch, in *M. S. L.*, XVI, págs. 28-29.

De tudo se pode colher a verdade destas palavras de Meiller:

"... l'apprentissage du langage par des enfants, et par suite l'évolution de la langue qui en est la conséquence, ait lieu de manière différente dans un petit groupe social, tel qu'un cité grecque antique, où les membres du même groupe se marient entre eux, ou dans un groupe étendu, tel que l'empire romain, où les femmes peuvent être d'origines diverses, ou enfin dans des populations pratiquant des usages matrimoniaux compliqués, comme celles de l'Australie." (*Introduction*, pág. 448; *L'Année Sociologique*, VI, 1903, pág. 573).

De certo, a estrutura social influi poderosamente na aquisição da língua. Quando a força de unificação se mantém firme, a criança está, sob pressão social constante, de modo que os possíveis desvios são, totalmente ou em parte, abafados e tolhidos. Em caso contrário, a evolução se processa mais livremente, a salvo das sanções sociais. Sem o dique das forças de unificação, as forças de diferenciação operam sem peias, e as tendências se precipitam.

Este último caso é particularmente intenso quando se dá o contacto de línguas diferentes. Quando uma criança vive no meio de pessoas lingüísticamente heterogêneas, ela está diante de várias possibilidades: pode inovar sem os estorvos da coerção social. É que, como se sabe, a adoção de uma língua nova, quebrando a tradição, diminui a estabilidade lingüística dos indivíduos falantes.

6 — MUDANÇA DE LÍNGUA

Vicissitudes históricas têm feito com que numerosos povos mudem de língua no curso dos tempos. A adoção de um idioma novo acarreta, obviamente, o esquecimento, a morte do antigo, que as novas gerações vão progressivamente desprezando.

São sem conta os povos que, seduzidos pelo superior prestígio de uma outra língua, a adotam em prejuízo daquela que haviam recebido dos antepassados. Em algumas regiões — particularmente mescladas de povos diversos — esse fato se repete com muita frequência. J. Deny informa:

"C'est ainsi qu'à en croire certains textes chinois, les Kirghiz — dont la présence entre l'Ob et l'Iênissei est signalée dès le 1^{er} siècle av. J. C. — n'étaient pas à l'origine un peuple de langue turque. Les Miser et les Tepter, peuplades d'origines

diverses, n'ont été turquisés que postérieurement. Les Tatars de l'Anissai sont, en grande partie, de descendants de peuplades samoyèdes.

L'exemple suivant, presque contemporain, est assez décorant: les Kamassi, peuplade de langue samoyède, comment à parler turc (dialecte de la Katcha) en 1840; en 1860, ils ont oublié leur ancien parler, mais en 1890, ils abandonnent le turc pour le russe. Deux changements de langue en cinquante ans!⁽⁴⁶⁾

A mudança de língua é fenómeno muito complexo. A morte de uma delas é precedida de um período de bilinguismo, mais ou menos longo, em que se trava árdua luta pela supremacia. O que decide a vitória é o prestígio que decorre destes fatores: *valor utilitário, glória literária e situação social das falantes*. Pouco a pouco a que menos satisfaz essas condições vai sendo falada por um número cada vez menor de pessoas e acaba por ser relegada ao uso das camadas sociais inferiores. Breve é totalmente esquecida nos centros urbanos e o seu emprego se limita a círculos rurais cada vez mais afastados. Finalmente chega o dia em que morre a última pessoa capaz de entendê-la⁽⁴⁷⁾.

Facilmente se compreende, todavia, que esse contacto, esse período de bilinguismo impime um cunho na língua que se mantém. As conseqüências podem atingir uma escala ascendente de graus, que vai até o esvaziamento da morfologia. Quando sucede este caso extremo, podemos dizer que estamos diante de uma língua mista:

"Ainsi donc une langue mêlée est normalement une langue sans morphologie. On est en droit de se demander si la réciproque n'est pas vraie également, et si toute langue sans morphologie n'est pas un résultat de mélange récent, depuis lequel une nouvelle morphologie n'aurait pas eu le temps de se reconstruire. Ce qui paraît en tout cas certain, c'est qu'une langue à système morphologique riche a toutes chances de ne pas provenir d'un mélange récent"⁽⁴⁸⁾.

(46) Citado em Royen, *Die nominalen Klassifikationen — Systeme in den Sprachen der Erde*, 1929, pág. 269.

(47) Vj. Vendryès, *La mort des langues*, in *Conférences de l'Institut de Linguistique de l'Université de Paris*, 1938, págs. 5-15; idem, na *Hesperia* 6/7, 1951, págs. 79-101; Terracini, em *Conflicto de Linguas y de Cultura*, págs. 11-42.

(48) L. Tesnière, *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, VIII, 1939, pág. 92.

O fato é que, no período de bilinguismo, característico do contacto, a língua preponderante está sujeita às seguintes conseqüências:

- 1 — *simplificação do seu sistema gramatical*, pois aos aloglotas escapam as finuras e sutilezas da língua que aprendem;
 - 2 — *precipitação das tendências da sua deriva*, pois em estrutura social incerta há um enfraquecimento da *norma* e relaxam-se as sanções do uso considerado bom. As crianças encontram à roda numerosos meios de expressão, e o grupo que com elas convive não é capaz de afogar no nascedouro as inovações infantis;
 - 3 — *decalques e cruzamentos*, decorrentes da coalescência dos sistemas que, assim, podem interpenetrar-se⁽⁴⁹⁾;
- Nos últimos anos de vida, Antoinne Meillet passou a estudar, além dos fenómenos decorrentes da ação dos *substratos*, aqueles que se devem à bilingüidade: no que voltou a uma das idéias mais caras a Hugo Schuchardt. Basta ler estas passagens, para assegurá-lo:

"... on voit ici comment des hommes qui avaient présentes à l'esprit à la fois deux manières de s'exprimer ont combiné des éléments de l'une et de l'autre."

"... l'essentiel est le fait, remarquable au point de vue psychique, que des individus disposant pleinement de deux manières de s'exprimer ont, sans troubler d'une manière profonde le système de l'une des langues, ajouté à ce système des procédés de l'autre."

"Les cas de populations bilingues ne sont pas rares. Partout où, à côté d'un vieil idiomme local, s'introduit une grande langue de civilization, il y a pendant plus ou moins longtemps des sujets bilingues." (in *Linguistique historique et linguistique générale*, II, pág. 102).

Como se vê, o bilinguismo pode consistir no manejo de duas línguas diversas, ou de um falar local e uma língua comum.

4 — *ação simultânea e idêntica dos hábitos linguísticos pré-existentes, sobre as novas condições*. É a ação do *substrato*.

(49) Já em 1882 escrevia Schuchardt: "Zwei Sprachen mischen sich nicht wie zwei unglückartig Flüssigkeiten, sondern als verschiedene Tätigkeiten eines und desselben Subjektes" (*Brevier*, pág. 151).

7 — PROBLEMAS DE SUBSTRATO

Partiu do glotólogo italiano Graziadio Isaia Ascoli, em 1881, o primeiro esforço científico para determinar o papel que as línguas pré-romanas desempenharam na evolução do latim. Ele atribuíra-lhe, porém, um caráter etnológico, incompatível com a natureza dos fenômenos linguísticos.

Por isso coube a um sábio de poderosa formação sociológica, Antoine Meillet, dar um passo à frente na compreensão dos substratos:

“On constate souvent que, dans le développement d'une langue, il s'introduit des types articulatoires ou grammaticaux entièrement nouveaux. Or, l'expérience semble montrer que, dans le cas où une population est devenue sensiblement stable et où la langue est simplement transmise aux enfants de père en fils, il se produit des changements de détail, il y a des adaptations, mais le type linguistique ne change pas. Or a donc été conduit à supposer que, là où l'on rencontre des changements profonds qui modifient gravement telle ou telle partie de la langue, on est en présence de populations qui ont changé de langue” (50).

Meillet exemplificava com a mutação consonântica do armênio e do germânico, explicável pelo fato de que essas línguas representariam o indo-europeu falado por populações aloglotas que tinham um tipo de articulação muito diferente.

Desse modo a ação do substrato consiste em que os *hábitos e tendências linguísticas de um grupo são mais ou menos perpetuados* quando, por via do contacto, há a necessidade de aprender uma nova língua.

Tais hábitos e tendências não impõem, necessariamente, mudanças imediatas. A sua principal ação consiste em mudar o sentido da deriva da nova língua. É o que pode colher-se destas palavras de Meillet:

“On n'a pas de raison de croire que l'ua ait été ü, ni voisin de ü, en gaulois, lors de la conquête romaine, et l'altération gallo-romaine de l'ancien u en ü est postérieure à l'époque romaine. Mais il reste vrai que c'est en gros sur le sol ancien-nement occupé par les parlers gaulois qu'apparait toute une

série d'altérations progressives du timbre des voyelles, dont le passage de *u* à *ü* n'est qu'un cas particulier. Il est donc naturel d'admettre que le type articulatoire qui a conditionné ces changements est dû à un substrat gaulois.”

Assim, a ação do substrato não se exerceria propriamente na língua, mas no *conjunto das tendências a ela imanentes*, conferindo-lhes uma direção nova. Interpretadas a essa luz, as chamadas leis de Grimm e de Verner se reduzem às três fórmulas seguintes (51):

- 1 — em dada época da história das línguas germânicas as vibrações glotais dos síllos sonoros tendiam a ser retardadas;
- 2 — em data posterior o sopro que acompanhava a oclusão das aspiradas tendia a impedir a oclusão completa;
- 3 — em seguida as cordas vocais tendiam a vibrar durante a emissão das fricativas surdas intervocálicas, salvo quando elas estavam impedidas pela *détente* muscular que seguia a produção do tom.

Em comunicação à Sociedade de Linguística de Paris, Meillet esclareceu o difícil problema com estas considerações:

“Certains faits sont donnés par des observateurs sérieux comme contraires à la théorie de l'influence du substrat étranger sur le langage: ainsi des populations allemandes anciennement établies en Transylvanie parlent un roumain qui n'a aucun trait germanique (Puscariu); les berbères du Maroc acquièrent un arabe correct (A. Basset).

“Inversement on peut observer facilement combien les langues littéraires nationales en s'étendant sont influencées par les substrats provinciaux. Ainsi le français prononcé par des Méridionaux n'a pas une voyelle du français normal.

“Il faut considérer le degré d'homogénéité entre les langues qui s'influencent: le substrat agit plus sur une langue parente qui s'étend, que sur une langue étrangère: le français est acquis dans le Midi (domaine de langue d'Oc) partie par la lecture, partie par l'enseignement: que donnent des maîtres ayant eux

(50) L'Année Sociologique, XII, 1913, pág. 855.

(51) Vendryès, in *Mélanges Meillet*, pág. 130.

mêmes l'accent du Midi, ou par contact personnel avec des gens du Nord.

"Cette observation vaut d'ailleurs aussi pour le cas d'extension d'une langue étrangère, mais enseignée à l'école (cas du latin en Gaule)" (B. S. L. P., 28, 1928, pág. XXXV).

Como é natural, a comunicação do eminentemente sábio despertou enorme interesse entre os linguistas presentes. As opiniões então emitidas podem resumir-se em que é essencial distinguir:

- 1 — o caso em que há aquisição dumã língua por indivíduos ou grandes grupos transplantados — quando a assimilação é completa, seja em uma ou duas gerações, seja num período mais longo;
- 2 — o caso em que a aquisição da nova língua é feita por indivíduos que se mantêm no território onde falavam a língua precedente — caso em que verdadeiramente se pode falar de *substrato*.

A investigação das consequências do substrato é, porém, tarefa das mais difíceis e complexas, pois, como asseverou Schuchardt⁽⁵²⁾, "toda mudança fonética repete-se infinitamente no espaço e no tempo." Isso nos leva, de novo, a buscar apoio na história e nos movimentos demográficos, bem como nas concordâncias entre áreas linguísticas.

Nesse sentido devemos ao romanista espanhol Menendez Pidal contribuições de valor inestimável. É o caso, por exemplo, da discutida passagem de *f* a *h*, câmbio que, além da área hispânica, também se verifica em outras regiões: no norte da Itália, na região de Bergamo, no sul, na Calabria, região de Catanzaro, na Sardenha oriental, na região de Nuoro. Apesar disso, não podemos separar o fenômeno hispânico do substrato ibérico:

- 1 — por sua densidade e extensão geográfica, em duas línguas importantes, muito distintas uma da outra: o espanhol e o gascão;
- 2 — porque essas duas línguas são geograficamente contíguas;
- 3 — porque essas duas línguas diversas são próprias de dois povos de mesmo fundo étnico: ibero-hispano, ibero-aquitano;

- 4 — porque essas duas línguas românicas aparecem ainda hoje enlaçadas geograficamente mediante uma língua ibérica primitiva que carece de *f*;
- 5 — porque no espanhol houve variação entre *f* > *h* e *f* > *p*, fato que se repete no vasco, sinal de que em ambos os casos se trata de uma equivalência acústica e não processo evolutivo.

É ainda o caso das mudanças de *nd* em *nn*, *mb* em *m*, *ld* em *ll*, assimilações passíveis de se verificar em qualquer espaço ou tempo, mas que, por singular coincidência, ocupam áreas homogêneas no norte da península ibérica e no sul da Itália. A História, suporte humano dos fatos linguísticos, esclarece a coincidência, pois aqueles câmbios se podem explicar por influência do oscumbrio, substrato das áreas italianas e elemento demográfico significativo na colonização do norte da Hispânia. É ainda, mais ou menos, o caso de câmbios como *nt* > *nd*; *nh* > *ng*; *ll* > *ld*, cuja explicação por influência do substrato fica evidente se atentarmos na coincidência das áreas.

São igualmente expressivos os traços do sardo, que se explicam pelo contacto do latim com a língua anteriormente falada na grande ilha. M. L. Wagner⁽⁵³⁾ enumera-os:

- 1 — a aversão ao *f*;
- 2 — a propensão para acrescentar um apoio vocálico ao *r* inicial;
- 3 — as articulações alveolares;
- 4 — os sons cacuminais, característicos, também, do sul da Itália;
- 5 — o som guturalizado que se ouve em lugar de *k*, e como substitutivo do — *l* —.

Para não nos alongarmos excessivamente (o assunto nos levaria longe) limitar-nos-emos a citar as conclusões a que chegou Rohlf's no seu esplêndido estudo acerca do gascão⁽⁵⁴⁾:

- 1.º — O latim introduzido na antiga Aquitânia seguiu uma evolução inteiramente original. Em tal sentido o Carona formou um limite natural entre a Gália propriamente dita e o território aquitânico;

(52) Vj. a *Historische Lautlehre des Sardischen*, Halle, 1941, pág. 281j.

(54) Vj. *Le Gascon*, Halle, 1935, págs. 1-2.

2.º — a influência da antiga língua ibérica manifesta-se não somente em considerável número de sobrevivências lexicais, mas ainda, e muito nitidamente, nas tendências de pronúnciação.

A intensidade da influência do subsolo linguístico é tanto maior quanto mais aparentados são os dois sistemas. Barroli frisou, mais de uma vez, que "più due linguaggi si assomigliano e più facilmente l'uno influisce sull'altro" (55). Esse postulado se compreende, facilmente, visto que só pode haver confusão entre sistemas parecidos ou aparentados: nos sistemas muito diversos as diferenças são mais nitidamente marcadas. Por isso é esmagadora a influência de uma língua comum sobre os falares regionais: na França, por exemplo, em muitos lugares o *patois* é o francês *patois* e o francês, pelo contrário, é o *patois francisé*.

Isso nos leva a uma nova concepção da inter-influência linguística. Consiste em crer na ^{força}ação do superstrato no substrato. A língua dos vencedores vai-se insinuando, mais e mais, na dos vencidos, até alagá-la e submergí-la (56). Assim o próprio falar nacional se desfigura sob a ação de uma língua cujo prestígio se impõe esmagadoramente.

Terracini estudou, a esse respeito, exemplo muito expressivo: a penetração do latim no osco dos Campanos romanizados (57).

É preciso não esquecer que a ação do substrato se faz sentir, mais fortemente, na fase inicial do aprendizado da nova língua.

A primeira geração, bilingüe (58), transpõe para ela os hábitos e tendências da fala materna (59), além de, naturalmente, não perceber, com perfeição, as finuras e sutilezas do novo sistema.

(55) *Miscellanea di studi in onore di Attilio Hortis*, Trieste, 1910, pág. 894. E vj, ainda *Ates du premier Congrès de Linguistes, Leiden*, págs. 105-108.

(56) Schuchardt, *Slavo-deutsches und Slavo-italienisches*, 1885; Windisch, *Zur Theorie des Mischsprachen und Lehrwörter*, in *Berichte über die Verhandlungen der Kon. Sachs. Gesellschaft der Wissenschaften*, 1897, págs. 101-126.

(57) *Archivio Glottologico Italiano*, XVII, 133-152, XVIII, 1-31, 134-150.

(58) F. G. Mohl estabeleceu três fases no processo da romanização: na primeira a língua dos indígenas está ao lado da dos colonos romanos; na segunda (I e II séculos) há bilingüidade — é a fase de importância decisiva; na terceira há a vitória do latim, que atorga as possíveis influências dos substratos. Vj. a *Introduction à la chronologie du latin vulgaire*, 1899, págs. 66 e ss.

(59) Para só dar um exemplo seguro: entre os Bacaris não existe o som *k*, de modo que, ao aprender o português substituem-no pelo pé: "... quando eu dizia fogo, fumo eles pronunciavam *pogo, pumo*. Mas também ouviam, ou melhor, percebiam o *f* como *p*,

As gerações seguintes aprendem (60), ou não, esse deficiente estoque, que assim se irá, ou não, perpetuando.

No caso, já visto, da difusão do latim pela România, do inglês pela América do Norte, do português e do espanhol pela América do Sul, o ensino escolar, o esforço da instrução, o freqüente e duradouro contacto com os não aloglotas, foram preenchendo os quadros morfológicos e anulando os desvios provocados pelas imperfeições da aprendizagem.

Tudo dependerá, pois, de certas condições sociológicas, tais como o ambiente social, o contacto e a interação, o maior ou menor número de não aloglotas, o isolamento, o maior ou menor desejo de ascensão social.

São ainda de rigorosa e boa crítica estas exigências, que Meyer-Lübke impõe às pesquisas de substratos pré-romanos, e que nós podemos estender à incipiente investigação dos possíveis influxos pré-europeus:

1.º — por meio das inscrições, dos testemunhos dos antigos e dos nomes de lugar, deve-se determinar a natureza da população, e a densidade da população romana e não romana para ter onde apoiar o momento culminante da fusão;

2.º — investigar a data das transformações, de que se tratar, para não cair no erro de referir a época pré-romana fatos acontecidos muitas gerações depois da total desaparecimento dos povos pré-romanos;

3.º — por meio da fonética experimental, estabelecer as bases da articulação de cada língua românica, a fim de investigar que fenômenos da evolução fonética se podem explicar

tendo, pelo que pode verificar, a firme convicção de pronunciarem o mesmo som que eu havia dito" (Karl von den Steinen, *Entre os aborígenes do Brasil Central*, pág. 108 da tradução, S. Paulo, 1940).

(60) Esse aprendizado pode, aliás, ser lento e difícil, com ensaios que levam à formação de sons intermediários. Lentzner, em suas notas sobre o espanhol de Guatemala, observou que "los indios que además de su lengua nativa saben el español desde la infancia pronuncian la *f* con dificultad. Muchos confunden la *f* inicial con la *j*, que le es más natural, y dicen "tengo juego en la boca", en vez de "tengo fuego en la boca", y así en otros casos" (Vj. *El español en Mejico, los Estados Unidos y la América Central*, Buenos Aires, 1938, página 231).

por essa base e depois (já por comparação com os subtratos pré-romanos, já por extensão geográfica) se a forma especial do fonetismo duma língua românica se pode atribuir direta ou indirectamente a mescla com um povo não românico⁽⁶¹⁾.

Estudando as línguas europeias transplantadas para a África, Ásia e América, podemos surpreender, ao vivo, as consequências dos contactos entre línguas diferentes. Desde logo se nota que o sotaque do espanhol americano, por exemplo, está intimamente relacionado com a cadência das línguas nativas. E o que nos assegura o foneticista Navarro Tomás:

"Podrá aclarar esta cuestión el estudio de los acentos de México, Peru y Paraguay, por ejemplo, en relación respectivamente con los de las lenguas náhuatl, quichua y guaraní; hablas aún por parte de la población de esos países. De México dice Henríquez Ureña que la entonación en las clases populares es idéntica a la se emplea al hablar náhuatl, influencia que se observa, también, aunque con matiz más atenuado, entre las clases cultas." (*Estudios de Fonoología Española*, 1946, págs. 152-3).

Outras pesquisas de campo confirmam a permanência dos velhos ritmos linguísticos. A Prof. Vidal de Battini, que estudou vasta área do espanhol argentino, conclui:

"En las regiones donde aún subsisten núcleos de poblaciones autóctonas o en las en que se habla la lengua primitiva, puede establecerse la comparación, y esta es siempre afirmativa. La entonación corriente — en Corrientes se habla aun la lengua indígena — es de indudable origen guaraní, *aparaiguayada*, como se dice vulgarmente.

(61) VJ. a *Introducción*, 3ª ed., pág. 349. A inspiração para esse passo, foi o Mestre suíço, provavelmente, bebê-la em Ascoli, que exigia três provas: 1ª) a *corográfica*, isto é, a demonstração de como o fenómeno estudado se verifica exactamente nas regiões outrora habitadas pelo povo pré-romano de que se trata; 2ª) a *intrínseca*, ou seja, a demonstração de que se verificou na história da língua indígena a mesma tendência linguística; 3ª) a *extrínseca*, quer dizer, se a mesma língua pré-romana influiu, da mesma maneira, noutra idioma qualquer: no germânico, por exemplo (VJ. *Una lettera glotologica*, pág. 18 e ainda Vossler, *Positivismo e Idealismo nella scienza del linguaggio*, pág. 209).

Las numerosas *tonadas* provincianas pueden provenir de las diversas lenguas y dialectos indígenas que se hablaban en nuestro país antes de la Conquista. Han perdurado gracias al aislamiento em que vivieron nuestras provincias, mantenido por la naturaleza del suelo y las grandes distancias que las separaban. En las que la población indígena fué más numerosa se conservan las *tonadas* más marcadamente"⁽⁶²⁾.

Disponemos de observações igualmente interessantes, tais como a de Nils Kjellman, que estudou a língua alemã falada em Porto Alegre. Há dois grupos: o primeiro compõe-se daqueles que aprenderam o alemão no Brasil e, na maior parte, são bilingües desde a infância.

A diferença entre ambos consiste "vielmehr auf phonetischem Gebiet und besteht z. B. in einem schnelleren Sprechtempo, in verandeter Sprechmelodie und in der Aufnahme des bras. r — Lautes." (*In Studia Neophilologica*, VIII, 1935-6, pág. 36).

A península mexicana do Yucatan⁽⁶³⁾ é um precioso laboratório do contacto de línguas. Foi ela descoberta em 1511, mas sem recursos naturais, nunca atraiu forte população espanhola. Assim a língua maia se manteve a par da língua dos conquistadores e o bilingüismo deu em resultado que o espanhol regional mostra características fonéticas do idioma dos indígenas. O maia — como lembra M. L. Wagner — possui uma série de vogais e de consoantes seguidas de oclusão glotal, as chamadas "letras heridas"; estes sons característicos passaram também, em muitos casos, ao espanhol da região e servem sobretudo para dar às palavras um sotaque enfático (*pu' chis' ba' lago' ma' re!*). Os *ññ* e *ll* palatais do espanhol são desconhecidos do maia (como de muitas línguas americanas): em consequência se pronuncia *ni* em seu lugar — *banio*, *baño*, *riñion*, *riñon*; visto o maia não possuir a articulação *f* (o que, como já

(62) *El habla rural de San Luis*, I, 1949, pág. 28.

(63) A respeito da estrutura sócio-cultural dessa região Robert Redfield escreveu o magistral livro *The Folk Culture of Yucatan*, 1941, traduzido para o espanhol e para o português. Nele estuda minuciosamente a passagem da cultura demótica da tribo indígena de Tusik para a civilização da costa (Mérida), através das vilas intermediárias de Chan-Kom e Dzitas. Mostra-nos, assim, modificação progressiva: nos costumes índios para os europeus, na língua maia para a espanhola, na religião nativa para o Cristianismo, no tratamento das moléstias, etc.

vinos, também sucede a outras línguas americanas), os mestiços e os índios substituem-na por *p: família, família, felis, felis, flojo, flojo* ⁽⁶⁴⁾.

8 — INDIVIDUAL E SOCIAL

As considerações aqui expendidas mostram, claramente, a complexidade do tecido linguístico.

O individual e o social interpenetram-se. As palavras, pronunciadas só por uma pessoa, não sobreviveriam. As palavras só têm história porque a coletividade as repete.

E, assim, chegamos ao fato verdadeiro: não há, na realidade, história de palavras, senão história dos homens.

E como o homem não é só matéria, mas também espírito, há que concordar com Spitzer quando diz que história da língua é história das almas. Almas obscuras e desconhecidas, almas anônimas do povo, o grande artista ignorado, o criador máximo das belezas da língua. Almas luminosas e encantadas de escritores, que se eternizam no mármore da expressão, aí gravando as suas emoções, a sua poderosa riqueza verbal.

Não andam divorciadas e longínquas a alma coletiva e a alma individual. Pelo contrário: há um entrecruzar de influxos mútuos. Se o escritor, para conseguir as suas criações estéticas, lança mão da opulenta matéria prima que é a fala corrente, também ao cabo de algum tempo as criações propriamente literárias, individuais, se tornam coletivas, infiltrando-se na linguagem popular.

No polimórfico e freqüente contacto de línguas individuais, falares e dialetos, está a explicação de ser a massa linguística uma atividade constante. E na interação que consiste o fermento da força centrífuga: mas, por outro lado, é ainda nesse perpétuo rodizio que se encontra o princípio da unificação.

De fato, como lembra Vendryès, "il y a comme un contract tacite établi naturellement entre les individus du même groupe pour maintenir la langue telle que le prescrit la règle". Só vingam as inovações que consultam o espírito da evolução. Por isso é que muitas abortam, não passam dos primeiros movimentos: afogam-se o ridículo ou a indiferença coletiva.

A inovação é, pois, um fato individual que pode ou não tornar-se coletivo. Quando isso acontece, temos um fato concreto, realizado. Na fonética, por exem-

plo, uma inovação coletivizada torna-se, quando vista historicamente, uma correspondência fonética.

Foi mérito de grandes pesquisadores, entre os quais Menendez Pidal, o terem provado, documentadamente, que a coletivização se processa lentamente, cheia de peripécias de toda a ordem:

"La geografía dialectal moderna nos ha revelado el principio de que cada palabra tiene su historia aparte, por donde se quiere concluir que no existen leyes fonéticas, sino historia de palabras. El estudio de la cronología en los documentos nos revela lo mismo, que cada palabras tiene su historia; pero nos dice, además, que la suma de la historia de cada una de esas palabras nos da la historia de la constitución de una ley fonética. Nos enseña una verdad superior: que una ley fonética (ai > e), después de constituida (ya antes del siglo X), necesita muchos siglos (hasta el XIV) para triunfar, perfeccionándose, completándose y generalizándose; muchos siglos en que la colectividad hablante se mantiene dominada por una tendencia persistente (la preferencia del monoptongo e en vez del diptongo ei), y la va aplicando y generalizando, muy lenta y complicadamente, a los diversos casos que el idioma presenta." (*Orígenes del Español*, 3.ª ed., pág. 93).

Dai o podemos dizer que a história da língua se concretiza como a coleção das iniciativas mais imitadas, isto é, mais conformes com o movimento geral da deriva.

9 — CORRESPONDÊNCIAS FONÉTICAS

Esse movimento geral da evolução, observado historicamente, proporciona o estabelecimento de uma série de correspondências fonéticas. Os neo-gramáticos, que firmaram as suas doutrinas com a experiência haurida na observação histórica dos fatos consumados, e não chegaram a pesquisar os falares do seu tempo, estabeleceram leis fonéticas, equiparando-as às leis físicas e químicas. Osthoff, um dos mais notáveis membros da escola, chegou a dizer que as leis agem cegamente, com cega necessidade ⁽⁶⁵⁾.

(64) Vj. M. L. Wägner, *Crónica bibliográfica hispano-americana* (sep. do Suplemento bibliográfico da *Revista Portuguesa de Filologia*), Coimbra, 1950, págs. 6-7.

(65) "... die Lautgesetze wirken blind, mit blinder Notwendigkeit." (citada por Vendryès, *Le Langage*, pág. 50).

Contra essa visão dogmática e simplista levantaram-se, entre outros, Ascoli e Schuchardt. Diante dos argumentos e dos fatos, os próprios corifeus da escola foram recuando.

As pessoas que se ocupam com os estudos linguísticos sabem, por exemplo, que Victor Henry, introdutor da gramática comparada na Universidade de Paris, foi um dos primeiros adeptos da doutrina. É bem conhecido, até, o seu livro sobre Analogia: *Étude sur l'analogie en général et sur les formations analogiques de la langue grecque*, Paris, 1883.

Aos poucos, porém, o grande linguista francês foi joidando o método dos neo-gramáticos, pondo de lado a parte dogmática da nova escola. Tanto assim, que, impressionado com as justas críticas à rigidez dos corifeus alemães, ele propunha uma conciliação entre os dois bandos. Quem o diz é ele próprio: "De là la formule de conciliation [o grifo é meu] que je proposais il y a trois ans: au point de vue de la méthode du linguiste, traiter toujours les lois phonétiques comme si elles étaient constantes, encore bien que dans la pratique on ne puisse démontrer qu'elles le soient." (*Revue Critique*, 1888, pág. 336).

Aliás não foi Victor Henry o único a oferecer essa prova de bom senso. Vou traduzindo uma página do grande livro de Jorgu Jordan⁽⁶⁵⁾: "Na segunda edição do seu *Zur Geschichte der deutschen Sprache* (1878), W. Scherer, o precursor dos neo-gramáticos, estavui, expressamente, que "as leis da troca de sons (*sound change*) não são verdadeiras leis, mas meramente empíricas." Mais adiante Hermann Paul, depois de ter falado da "absoluta necessidade" inerente às leis fonéticas, e as ter comparado ou, antes, assemelhado às leis da física e da química, admite a contenção do filósofo L. Tobler e escreve, em seus *Prinzipien*, que as leis das permutas de som (*sound-change*) não são leis naturais. Finalmente J. Schmidt, que, em geral, tinha aceito as teorias dos neo-gramáticos, estabelece, na *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, XXV (1884), pág. 134, a existência de leis fonéticas — as quais não admitem uma única exceção — isto é, as quais não têm exceções além das que podem ser completamente explicadas, o que é uma ocorrência de grande importância. No seguinte volume da revista, pág. 371, o mesmo J. Schmidt observa que, em adição às leis fonéticas conhecidas, existem outras que operam sobre a lingua-

gem, mas são desconhecidas. Em outras palavras, os próprios neo-gramáticos foram obrigados a restringir bastante a importância que davam a princípio às leis da troca de som e a considerá-las principalmente, ao menos em teoria, como um meio prático, uma espécie de guia indispensável que nos habilita a controlar a enorme massa de material linguístico a investigar, e introduzir alguma ordem no meio de tão intrincados e diversos fenômenos"⁽⁶⁷⁾.

A retratação de Havet — companheiro de Victor Henry na adoção da escola nova — foi retumbante: "aussi n' a-t-il qu'illusion dans le fameux principe: *Die Lautgesetze wirken blind und ausnahmslos*. Elles ne sont pas des *Gesetze*, elles ne *wirken* pas, elles ne sont pas *blind*. Que ce soient des formules applicables *ausnahmslos*, ce sera un truisme s'il est entendu qu'on les énoncera en fonction des milliers d'éléments physiologiques, acoustiques, psychologiques, éducatifs, historiques, sociaux... qui déterminent chaque phénomène du langage. S'il s'agit des formules qu'on est obligé tous les jours d'énoncer sous forme brève et provisoire, le truisme deviendra un défi l'évidence."⁽⁶⁸⁾

9^a — A QUE SE REDUZEM AS "LEIS FONÉTICAS"

Portanto, as "leis fonéticas", melhormente designadas por "correspondências fonéticas", representam apenas um meio prático para investigações.

Era essa, afinal, a concepção de Schuchardt⁽⁶⁹⁾: as chamadas "leis fonéticas" são de grande conveniência para facilitar as pesquisas linguísticas, sobretudo etimológicas, e o filólogo não pode prescindir delas.

O código das correspondências fonéticas é tão indispensável a nós como a tábua de logaritmos ao matemático. Elas são marcos que nos guiam através de espessa floresta.

⁽⁶⁷⁾ Obr. cit. pág. 35.

⁽⁶⁸⁾ VJ. Laumann, *Pour mieux comprendre l'antiquité classique*, Paris, 1939, página 257; M. Bréal, *Des lois phonétiques*, em *M.S.L.* X, 1898, págs. 1-11.

⁽⁶⁹⁾ Cf. o Schuchardt — Brevier, págs. 205 e 243. Bom esclarecimento para a questão dos neo-gramáticos e das leis fonéticas trouxe D. Cazdaru, em seu artigo *La controversia sobre las leyes fonéticas en el epistolario de los principales lingüistas del siglo XIX* (in *Anales de Filología Clásica*, Buenos Aires, IV, 1949, 211-328).

⁽⁶⁵⁾ *An introduction to romance linguistics: its schools and scholars*, trad. inglesa de Ort, 1937.

Bastará citar dois linguistas moderníssimos. Seja o primeiro Meillet, que escreveu, em 1934:

"Tel est le principe de la constance des lois phonétiques, qu'on nommerait plus exactement régularité des correspondances phonétiques."⁽⁷⁰⁾

Opinião semelhante expressava o dinamarquês Viggo Brondal: "De Lydlove er egentlig kun at betragte som Arbejdshypoteser." (Elas as leis fonéticas devem ser consideradas apenas como hipóteses de trabalho).

"Lydlovene er nødvendige Middler for Forskningen. Men dog kun Middler." (As leis fonéticas são meios necessários para as pesquisas. Entretanto, são apenas meios". Veja-se o seu esplêndido livro *Substrater og laan i romansk og germansk* [Substratos e empréstimos em românico e germânico] pág. 15.

Sapir é bastante claro e expressivo quando escreve que as "phonetic laws" are simply a formula for a consummated drift⁽⁷¹⁾

Bloomfield foi muito feliz quando, referindo-se à oposição aos neo-gramáticos, escreveu: "A great part of this dispute was due merely to bad terminology", frisando ainda que o termo "lei" não tem, aqui sentido preciso, pois a permuta de som (sound-change) "is not in any sense a law, but only a historical occurrence" (*Language*, Nova Iorque, 1933, pág. 354).

10 — HISTÓRIA DE UMA LINGUA

Como se vê, a evolução é singularmente complexa. A história de uma língua não é um esquema rigorosamente preestabelecido, não é um problema algebrico. Não se pode partir do latim e chegar diretamente aos dias de hoje, saltando por sobre vários séculos de palpitante vida.

A evolução, repetimos, é complexa e melindrosa, relacionada com mil e um acidentes, cruzada, recruzada e entrecruzada — porque não representa a evolução de uma coisa feita e acabada, mas as vicissitudes de uma atividade em perpétuo movimento.

(70) Cf. a *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*, 7ª ed., re-fundida, 1934, pág. 27. Compare-se a redação mais antiga, de 1913: "Tel est le principe de la constance des lois phonétiques, ou plutôt de la régularité des correspondances phonétiques." (Vj. a *Introduction*, 4ª ed., 1915, pág. 13).

(71) Vj. *Language*, 1933, pág. 191. Vj. considerações idênticas em Eitmayer, *Vademecum für Studierende der rom. Philologie*, 1919, pág. 106 e em Günert, *Grundfragen der Sprachwissenschaft*, 1925, pág. 20.

Gillieron fielmente o exprime, com a sua linguagem tão expressiva:

"... l'étymologie primaire n'a souvent qu'une valeur fugitive; une fois embarqué, le mot français va où le pousse le français, obéit à l'étymologie populaire, devient papillon, de chrysalide qu'il était, et à l'état de quoi il reste selon les lexicographes." (in *Pathologie et thérapeutique verbales*, III, p. 19).

Compreende-se, pois, como é ilusório o costume de filiar no latim, direta e ininterruptamente, os falares regionais⁽⁷²⁾. E que, em verdade, eles estão sujeitos a poderosas e múltiplas influências, não só de outros falares, como, principalmente, da *lingua communis*.

Uma das mais importantes conseqüências da ação desta é que ela obstrui, paralisa os falares. Devemos, ainda, a Gillieron esta fina observação:

"Une action psychologique vient contrecarrer l'action physiologique: par un acte de volonté, dont ils ont plus au moins conscience, ceux qui parlent le patois mettent un frein à certaines opérations purement physiologiques naissantes, imminentes, dont les résultats produiraient un écart trop prononcé entre les parlers en comparaison, en état de dépendance. L'obstructionisme a naturellement pour siège les petits centres de transactions. Ces centres sont encore assez multiples, l'intensité de leur obstruction est assez variable, et, d'autre part, la production phonétique, malgré l'obstruction est encore assez vivante pour que les variations-phonétiques ne soient pas détruites à tel point que nous ayons à constater de vastes ensembles assimilés, comme celui de la Normandie, ... pour que nous n'ayons pas à constater l'existence de dialectes" (in *Études romanes dédiées à Gaston Paris*, 1891, pág. 462).

(72) Já em 1902, antes mesmo das pesquisas renovadoras da Geografia Linguística, escrevia Gauchat: "En effet, le patois du village de N, dans le canton de C, ne vient pas en ligne directe d'une colonie romaine établie à N, car très peu de villages sont aussi anciens. Beaucoup d'endroits n'ont été habités que depuis le XIV^e siècle, par exemple, et leur patois doit être un rejeton d'un patois que nous ne connaissons pas, peut-être de plusieurs patois, si les premiers habitants venaient de différentes contrées. Par l'immigration d'autres éléments linguistiques sont venus dans la suite se joindre aux éléments consacrés." (*Bulletin du Glottologie der Schweiz romande*, ns. 1 e 2, págs. 18-19; os grifos são nossos).

Não será arriscado acrescentar que essa paralisia precede e possibilita a invasão do falar pela *lingua communis*. Esta, que se torna o *parler directeur*, começa a modelar aquele, que, à sua imagem e semelhança, tende a corrigir a pronúncia. Esse fato é favorecido pelo grau de instrução, importância dos fatores de conservantismo e papel social das classes dirigentes.

Chega mesmo a suceder que se interpenetram, na consciência dos indivíduos bilingües, as correspondências entre a língua comum e o falar: e daí decorrem as *falsas regressões*. Bastará citar um exemplo, particularmente expressivo.

O campônio, que reconhece a oposição entre a sua forma regional *byé* e a francesa, *cléf*, substitui *bya* por *cla*. Sucede, porém, que *bya* não corresponde a nenhuma forma francesa com *cl* —, mas sim a *fléau*, do latim *flagellu*. Cf. Dauzat, *La Géographie Linguistique*, 1948, pág. 67.

Nas considerações que precederam, procuramos ressaltar o fato, muito sabido, mas nem por isso menos fundamental, de que a língua é uma instituição cujas modificações se ligam indissolivelmente à história da coletividade que a emprega. Como salienta Meillet, com a maestria habitual "elle ne se transforme pas comme un manuscrit ou comme un outil" (73).

O objetivo desta obra é, pois, o de esboçar, tão clara e documentadamente quanto possível, a formação da língua portuguesa e a sua história como instrumento de uma coletividade humana. O que vale dizer, história da língua como história dos homens que a falam (74).

(73) Cf. a *Linguistique historique et linguistique générale*, I, pág. 79.

(74) "Nicht das einmal gesprochene Wort kann eine Geschichte haben — es verhält ja sofort —, sondern nur das unzählige Male gesprochene, und diese Geschichte ist im Grunde die der Redenden." (Schuchardt, *Breiter*, pág. 127).

ANTES DOS ROMANOS

Antes da chegada dos Romanos, a faixa ocidental da Península Ibérica dividia-se, de Sul a Norte, em três territórios.

O primeiro, correspondente ao Algarve de hoje, aparece nos autores gregos como *Cyneticum*, designação tirada de *Cynetes*, nome dos habitantes.

Essa região era rica em recursos naturais e densamente povoada. Nela ficavam, entre outras, as conhecidas cidades pré-romanas *Laccobriga* (cerca de Lagos), *Ossonoba* (cerca de Faro), *Balsa* (cerca de Tavira), *Baesuris* (cerca de Castro-Marim) e *Myrtis* (Mértola). E podemos ter certeza, à vista das inscrições com caracteres pré-romanos, que eram também habitados os lugares a que hoje chamamos concelhos de Silves, Alcoutim e Loulé.

Em seguida, vinha a região de entre Anas (Guediana) e Tagus (Tejo), onde ficavam numerosas cidades pré-romanas, indicadas por Ptolomeu, mas cuja localização desconhecemos: *Bratetolaem*, *Arcobriga* (Arcoz), *Mertibriga*, *Catralucus*, *Arandis*. Ao contrário, estamos bem informados acerca de *Vipascum* ou *Vipasca* (Aljustrel), *Ebora* (Évora), *Ammaina* (aramenha) (1), *Ezion* (Salácia), *Gaetobriga* (Seitbal), *Equabona* (Coima), *Aritium*.

Do Tejo para cima, até o Douro, temos outra região, e daí até o extremo Norte, uma subdivisão.

Começamos pela primeira parte. Nela ficavam as seguintes cidades: *Olissipo* (Lisboa), *Scallabis* (Sanarém), *Eburobritium* (Alcobaga?), *Collipo* (?)

(1) J. L. V. *Elmos*, I, 1935, págs. 5-9. A cidade já existia no século I A.C. e ainda era habitada no século IV, como se vê das explorações arqueológicas. Cf. Jahay, na *Broetria*, XLV, 1947, pág. 633.